

**entre becos e marés:
transformações socioambientais do projeto beco limpo**

**between alleys and tides:
socioenvironmental transformations of the *beco limpo* project**

Stephanie Meier

Analista Socioambiental
Sustainable Carbon Group
Santos, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2171-9635>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17459161>

Resumo: Santos é frequentemente citada em *rankings* de “melhores cidades para se viver”, mas a que realidades esses apontamentos se aplicam de fato? Este relato apresenta aprendizados e reflexões da autora ao experienciar, como observadora, o *Projeto Beco Limpo: uma iniciativa socioambiental realizada com comunidades de palafitas em Santos-SP*. A proposta do projeto envolvia ações voltadas à redução do descarte irregular e à busca por soluções alternativas frente à ausência de coleta regular de resíduos, por meio da educação socioambiental e da capacitação remunerada de jovens moradores das comunidades atendidas. A partir do acompanhamento das formações e das atividades práticas, o texto propõe uma leitura a partir da perspectiva de uma também moradora da cidade e ambientalista por formação e propósito, sobre a potência pedagógica e transformadora do projeto. Os questionamentos vão além, voltando-se para reflexões quanto à justiça climática e ao contraste dos impactos sociais, ambientais e econômicos enfrentados em um território marginalizado e invisibilizado em uma das cidades mais “sustentáveis” do Brasil.

Palavras-chave: (1) Educação socioambiental; (2) Soluções comunitárias para resíduos; (3) Palafitas; (4) Projeto Beco Limpo; (5) Comunidades em Santos-SP

Abstract: Santos is frequently cited in rankings of the “best cities to live in Brazil,” but to which realities do these claims truly apply? This narrative presents insights and reflections from the author’s experience as an observer of the *Beco Limpo Project: a socioenvironmental initiative carried out in stilt house communities in Santos-SP*. The project focused on reducing irregular waste disposal and seeking alternative solutions in response to the lack of regular waste collection, through socioenvironmental education and the paid training of young residents from the participating communities. Based on the author’s experience following the training sessions and practical activities, the text offers a

perspective from someone who is both a resident of the city and an environmentalist by training and purpose, highlighting the pedagogical and transformative potential of the project. The reflections also extend to questions of climate justice and the contrast between the social, environmental, and economic impacts faced by marginalized and invisible territories in one of Brazil's most "sustainable" cities.

Keywords: (1) Socioenvironmental education; (2) Community-based waste solutions; (3) Stilt houses; (4) Beco Limpo project; (5) Communities in Santos, Brazil.

Introdução

Nasci e cresci em Santos, cidade litorânea do estado de São Paulo, frequentemente citada em *rankings* como uma das melhores cidades para se viver no Brasil. Na minha percepção, essa fama fazia todo o sentido. Santos era, para mim, mais que uma “*cidade modelo*”: um lugar onde eu via o desenvolvimento acontecer diante dos meus próprios olhos, ruas organizadas, jardins floridos à beira-mar, pequenas mudanças que pareciam sinalizar progresso.

Aos 17 anos, deixei a cidade para estudar no interior. Foi só com minha saída que comecei a vê-la de outro modo, percebi o quanto a imagem que eu tinha de Santos era parcial. Lembro especialmente das apresentações que resumiam a história urbana da cidade, suas questões costeiras e marinhas, entrelaçadas a reflexões críticas sobre o processo de gentrificação em que a cidade estava moldada. Ali, entendi que a Santos que eu conhecia talvez existisse, mas como uma bolha bem delimitada, acessível a uma parcela muito específica da população. Anos depois, Santos seguia aparecendo com bons destaques na mídia. Mas essa imagem já me provocava outros efeitos, mais questionamentos do que certezas: a que realidades essas afirmações realmente se aplicam? De que Santos estamos, de fato, falando?

Vejam, não vou dizer que Santos em um geral não seja uma boa cidade. Seus indicadores continuam expressivos: o município tem o sexto maior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Brasil segundo o último censo municipal realizado (ATLAS BRASIL 2010) e é sede do porto líder em movimentação de contêineres na América Latina (MINISTÉRIO DE PORTOS E AEROPORTOS 2025).

Ao mesmo tempo, é recortada por uma série de contrastes: o *Dique da Vila Gilda* — considerado por pesquisadores a maior favela de palafitas do Brasil (QUIERATI 2022), localizada nas margens do *Rio dos Bugres* — o segundo rio com maior poluição por microplásticos do mundo (PARRA et. al 2025).

O território sob um olhar mais atento

Para compreender essas contradições, é preciso olhar com uma atenção diferente para o território, onde as palafitas se espalham por manguezais degradados que conectam quatro municípios da *Baixada Santista*: Cubatão, Santos, São Vicente e Guarujá. Casas com menos de 12 metros quadrados dividem espaço com a maré alta, que frequentemente invade esses locais, comprometendo suas frágeis estruturas.

Figura 1- Dique da Vila Gilda. Ao fundo, observa-se a região costeira do estuário e as carcaças remanescentes de palafitas



Fonte: BRITO, Cássia A., 2024. Todos os direitos reservados.

Em um território onde a infraestrutura urbana é precária e os serviços públicos não chegam de forma adequada, a população, em sua maioria abaixo da linha da pobreza extrema, ainda enfrenta desafios diários como a ausência de coleta de lixo e saneamento. Não por acaso, um estudo realizado pela Prefeitura de Santos em parceria com a *Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais* (ABRELPE) realizado durante a pandemia em 2020 revelou que aproximadamente 90% do lixo encontrado nas praias de Santos são provenientes de outras áreas urbanas, e do sistema estuarino santista. E apenas 10% do lixo era, de fato, descartado diretamente nas praias. Essa evidência é reforçada por Orlandi et al. (2015), que identificaram que grande parte dos resíduos tem origem justamente na região interna do estuário, marcada por essas ocupações irregulares sobre palafitas e bairros sem estruturas adequadas de coleta.

Foi justamente nesse contexto que, em 2023, tive a oportunidade de acompanhar, o *Projeto Beco Limpo*, uma iniciativa situada na Zona Noroeste de Santos e fruto de uma parceria multisetorial entre a Prefeitura Municipal, o Governo Federal, uma instituição privada e uma organização da sociedade civil. Conduzido no *Dique da Vila Gilda*, com sede na ONG *Arte no*

Dique, o projeto atuava diretamente sobre a questão do descarte irregular de resíduos sólidos nas comunidades de palafitas da região.

A proposta era simples, mas potente: promover medidas possíveis para mitigar o problema do descarte inadequado de resíduos da região, ao mesmo tempo, em que oferecia formação remunerada para jovens de 17 a 22 anos, moradores das comunidades do *Dique da Vila Gilda*, *Vila dos Criadores* e *Jardim São Manoel*.

As oficinas abordavam temas como Educação Socioambiental, Cocriação & Comunicação e Capacitação via Marcenaria. Mais do que sensibilizar, tratava-se de construir ações conjuntas, que realmente conversassem com a realidade local, com suas limitações de infraestrutura e, sobretudo, com quem o território pertence.

— *Mas por que, afinal, o lixo é jogado ali? Por que não o levar até as caçambas na rua? Por que não os deixar juntos em algum lugar da casa?*

Esta é uma pergunta recorrente, inclusive feita a mim, e que eu mesma me fiz, talvez sem perceber, antes de estar naquele lugar.

A resposta começa pelo caminho. A caçamba mais próxima ficava na rua principal, conectada por dezenas de “ruelas” feitas de pedaços de madeira do mesmo material que as casas. Para alcançá-la, seus vários metros eram esburacados e suspensos sobre o mangue, ali formam-se estruturas frágeis, instáveis, onde se equilibram as casas e as pessoas. Embaixo, uma área alagadiça tomada por esgoto e restos de todo tipo: sofás, pneus, garrafas, carcaças de moradias. Esse emaranhado de estacas e resíduos compõe um cenário onde a precariedade dá lugar a uma fauna urbana completa, gatos, ratos e cachorros circulando entre entulhos, de uma tábuas quebrada à próxima, se perdendo dentro daquela microesfera caótica e poluída. Fugia do simples ato de jogar o lixo fora, especialmente à noite, quando a visibilidade diminui e o risco aumenta. E armazená-lo dentro de casa, em meio ao pouco espaço, tampouco é uma alternativa considerável.

Uma das principais atividades desenvolvidas pelo projeto foi a criação dos chamados “ganchos”: estruturas simples, construídas, pintadas e decoradas pelos próprios alunos. Esses objetos funcionavam como cabideiros para pendurar os sacos de lixo do lado de fora das casas, evitando que o lixo se acumulasse no interior das moradias ou fosse jogado diretamente no mar e nos becos. A lógica era prática: ao sair para suas atividades diárias, o morador já levava consigo o saco pendurado até a caçamba da rua principal. Era uma solução extremamente eficaz em um contexto em que o acúmulo de lixo, dentro e fora das casas, representa um problema sanitário grave. O armazenamento interno, mesmo de materiais recicláveis, o que, em residências de poucos metros quadrados, era não apenas desconfortável, mas insalubre.

Nos dias do curso, os alunos percorriam os becos onde os ganchos haviam sido instalados e pesavam as sacolas ali penduradas. A intenção era mensurar o quanto de lixo havia deixado de ser descartado no mar. Fui chamada para criar um banco de dados com esses valores e medir o impacto do projeto. Aos poucos, percebi que aqueles dados, que me pareciam apenas números, estavam cercados por algo que poucos santistas, e mesmo ambientalistas, têm a chance de experimentar: voz, cultura e troca. Eram números que falavam, de fato, sobre gente.

A escolha dos temas das aulas no projeto era, por si só, bastante interessante. Lembro especialmente de uma atividade em uma das oficinas de educação ambiental, quando a professora pediu que os alunos desenhassem o que imaginavam ser o formato de Santos, a ilha no litoral paulista que, curiosamente, muitos nem sabiam que era de fato uma ilha. O objetivo, para mim, era evidente: é fundamental que a população periférica se reconheça como parte do território em que vive. Eles também são santistas, mesmo que muitos nunca tivessem, nem ao menos, visitado a própria praia do município. Por isso, precisam se ver como pertencentes àquela mesma ilha tão celebrada por suas praias e jardins, mas da qual suas casas, localizadas além de sua bela orla, raramente fazem parte do imaginário turístico ou institucional da cidade.

A dimensão territorial é central para a construção de identidade. Reconhecer-se como parte de um lugar é também nutrir o desejo de cuidar dele, de lutar por melhorias, de preservar aquilo que nos abriga. São os atores sociais que ressignificam os espaços, concedendo-lhes identidade e características de pertencimento (MARTINS & CHAGAS, 2021). Como afirma Haesbaert (2004), *“a territorialidade controla, separa e distingue os indivíduos por meio da identidade”*. Isto é, o poder se exerce definindo quem pertence e quem não pertence a um lugar, frequentemente excluindo grupos marginalizados da narrativa oficial da cidade.

Era exatamente contra essa lógica excludente que a aula sobre geografia e história atuava. Ao revelar os contornos reais da cidade e a história muitas vezes silenciada de seus territórios periféricos, ela não era uma mera transmissão de conteúdo. Tornava-se uma ferramenta de contraposição e pertencimento. Era um passo concreto para desconstruir a distinção imposta e permitir que aqueles jovens ressignificassem o espaço, afirmando, com convicção, que também são Santos.

Nas oficinas de marcenaria e cocriação, os jovens eram estimulados a olhar além do que os olhos podiam ver, e, sobretudo, a transformar com as próprias mãos o ambiente em que viviam. Eles eram os protagonistas. Poder ver o próprio território sendo modificado por suas ações, por suas ideias, por suas escolhas, gerava um sentimento de pertencimento e esperança essencial diante das tantas injustiças sociais que marcam aquele contexto.

Mais do que uma formação técnica, as oficinas ofereciam acesso a possibilidades. A capacitação em marcenaria, pintura e criação visual

ampliava horizontes de trabalho. Vi jovens se interessarem por fotografia e meio ambiente, habilidades que talvez jamais tivessem experimentado fora dali. Num mundo em que o peso do currículo e das experiências adquiridas é cada vez mais determinante, oferecer esse tipo de acesso a quem historicamente foi excluído é, talvez, uma das mais concretas transformações sociais.

Durante as entrevistas para a seleção dos jovens da próxima edição do programa, conheci histórias que dizem muito sobre o que é viver em um território tão marcado por desigualdades sociais. Havia quem tivesse perdido tudo em um incêndio recente, mães muito jovens que chegaram com o filho no colo, e quem via na bolsa mensal do projeto uma possibilidade concreta de ajudar a família, depois de muitas tentativas frustradas de conseguir outra oportunidade. Teve ainda quem não soubesse seu número exato de calçado, por nunca ter a chance de escolher um sapato novo. Mas também encontrei ali jovens cheios de planos, que falavam com brilho nos olhos sobre estudar e cuidar da comunidade. Entre uma resposta e outra, escutei risos tímidos, silêncios cheios de significado, desabaços inesperados. Vi uma juventude que carrega nas costas o peso de um sistema excludente, mas que persiste. Uma juventude que é parte legítima da cidade, mesmo quando a cidade insiste em tratá-la como margem.

Diante das reflexões que me atravessavam ao longo daqueles encontros, comecei a enxergar com mais nitidez algo que ia além da injustiça social e ambiental: percebia, ali, a urgência do que hoje chamamos de justiça climática. O conceito, cada vez mais presente nas discussões globais, evidencia a desproporcionalidade dos impactos das mudanças climáticas sobre populações vulneráveis, especialmente em comunidades costeiras como aquela.

Mary Robinson (2018), autora do livro *Justiça climática: esperança, resiliência e a luta por um futuro sustentável* (*Climate Justice: Hope, Resilience, and the Fight for a Sustainable Future*), discorre sobre o tema afirmando que justiça climática significa reconhecer que todas as pessoas já estão sendo afetadas pelas mudanças climáticas, mas que os grupos menos responsáveis por sua origem enfrentam impactos muito mais severos, configurando uma situação de injustiça, pois quem menos contribuiu para o problema é quem primeiro é penalizado. Essa compreensão nos obriga a ir além das dimensões físicas ou ambientais do aquecimento global, reconhecendo a crise climática como uma questão profundamente ética e política.

Assim como o projeto buscava protagonizar os jovens como agentes de transformação de seu território, é fundamental que as ações para mitigar os efeitos das mudanças climáticas também nasçam a partir desses contextos e dessas vozes. As comunidades mais afetadas pelos eventos extremos, precisam estar no centro da construção das soluções. Reconhecer suas especificidades, acolher suas experiências e promover processos

verdadeiramente participativos é um passo indispensável. Eles precisam ser construídos junto de quem vive essas realidades, de forma dialógica, com escuta ativa e troca mútua.

Como argumentam Mach et al. (2023), enfrentar a complexidade climática requer integrar a interseccionalidade nas análises e coproduzir conhecimento com múltiplos sujeitos. Nesse sentido, a educação climática assume um papel essencial: precisa ser crítica e enraizada nas realidades concretas, conectando as questões ambientais a fatores como classe e território. Não se trata de reforçar estigmas ou divisões, mas de reconhecer que somos atravessados por múltiplas camadas de desigualdade e que os impactos da crise climática nos atingem de formas profundamente desiguais.

O Relatório do IPCC *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability* reconhece que equidade e inclusão são condições centrais para a efetividade das respostas à crise climática. A partir desse entendimento, podemos construir alternativas de mitigação e adaptação mais justas, sustentáveis e eficazes, capazes de alcançar um maior número de pessoas.

Considerações finais

Projetos como o *Beco Limpo* evidenciam a importância de processos pautados na escuta, no diálogo e no fortalecimento do pertencimento territorial. Mostram como a ampliação do acesso à educação e a construção de espaços formativos podem gerar efeitos concretos na vida das pessoas. Revelam também como oportunidades estruturadas, vão além da gentileza, e entram numa esfera de obrigação pública e de reparação histórica.

Essa, têm o potencial de reconfigurar trajetórias individuais e coletivas, muito além de histórias inspiradoras em contextos historicamente marcados pela exclusão. Quando ela chega, mesmo que em pequena escala, traz à superfície tudo o que poderia existir se o acesso não fosse exceção, mas regra.

Referências

ATLAS BRASIL (2010). Perfil do município (Santos). Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/354850>.

Acesso em: 09/09/2025.

INSTITUTO ARTE NO DIQUE (S/D). “Projeto Beco Limpo”. Disponível em: <https://artenodique.com.br/beco-limpo-2/>

Acesso em: 29/07/2025.

IPCC - INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (2022). "Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability", *II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>
Acesso em: 22/09/2025.

MACH, K. J. et al. (2024). "Research to Confront Climate Change Complexity: Intersectionality, Integration, and Innovative Governance", *Earth's Future*, v. 12, n. 6: 1–17.
Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11235121/>
Acesso em: 22/09/2025.

MINISTÉRIO DE PORTOS E AEROPORTOS (2025). *Porto de Santos sobe seis posições em ranking internacional e assume liderança na América Latina*. Disponível em: <https://www.gov.br/portos-e-aeroportos/pt-br/assuntos/noticias/2025/09/porto-de-santos-sobe-seis-posicoes-em-ranking-internacional-e-assume-lideranca-na-america-latina>.
Acesso em: 09/09/2025.

PARRA, D.F.; GIMILIANI, G.T.; SANTOS, J.L.; WETTER, N.U.; SCHEPIS, W.R.; BERECKZI, A. & COTRIM, M.E.B. "Microplastics in Santos São Vicente estuarine — Hotspot in sediments caused by low energy hydrodynamic events in strongly populated areas", *Marine Pollution Bulletin*. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2024.117286>. Acesso em: 09/09/2025.

QUIERATI, L. (2022). "As palafitas de Santos: um mar de lixo", *UOL*, 15 out. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/as-palafitas-de-santos.htm#a-casa-esta-afundando> Acesso em: 01/07/2025.

RIBA, M.B. (2021). "Imaginário coletivo sob as palafitas do Dique da Vila Gilda". *Nhengatu: revista ibero-americana para comunicação e cultura contra-hegemônicas*, São Paulo, v. 1, n. 5, set.-dez.: 1–33. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/55540>
Acesso em: 30/07/2025.

ROBINSON, Mary (2018). *Climate Justice: Hope, Resilience, and the Fight for a Sustainable Future*. London, Bloomsbury Publishing.

ORLANDI, N.Z.; ARANTES, V. & BARRELLA, W. (S/D). "Os resíduos sólidos encontrados na praia de Santos — SP", *Revista Unisanta BioScience*. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/bio/article/view/372/423>
Acesso em: 09/09/2025.

PREFEITURA DE SANTOS (S/D). “Pesquisa em Santos aproveita praias vazias para examinar origem do lixo”, *Prefeitura de Santos*. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/pesquisa-em-santos-aproveita-praias-vazias-para-examinar-origem-do-lixo> Acesso em: 09/09/2025

Sobre a autora

Stephanie Meier é formada em Gestão e Análise Ambiental pela UFSCar e atua há mais de cinco anos em diferentes tipos de projetos socioambientais. Atualmente é analista socioambiental em projetos internacionais de carbono florestal, responsável pela dimensão social aos processos de certificação climática. Sua atuação é guiada pelo compromisso com a justiça climática, pela valorização das vozes locais e pela busca constante de contribuir para transformações lideradas pelas próprias comunidades.